

CONTANDO HISTÓRIAS COM OS GUARANI

Coordenador: ANA LUCIA LIBERATO TETTAMANZY

Autor: CRISTIAN COELHO SOUTO

INTRODUÇÃO As culturas de transmissão oral são conhecidas como o berço primeiro e essencial da experiência humana, não podendo ser deixadas de lado dada sua importância na constituição dos indivíduos e dos grupos. Nesse sentido, o grupo de extensão Quem Conta um Conto - Contadores de Histórias busca interagir com o legado dessas culturas, trazendo para o "corpo em performance" as histórias populares/tradicionais, aquelas que "ouvíamos quando crianças", a fim de estabelecer e reafirmar os laços existentes entre o que nos forma e o que somos. O Grupo existe desde 2005 e já contou, em sua trajetória, com a participação de alunos dos mais diversos cursos de graduação e também com participantes externos. Desde então suas propostas trazem para o ambiente acadêmico o diálogo entre "letra e voz", expresso em ações que articulam ensino, pesquisa e extensão. O Grupo privilegia atividades de intervenção social, seja promovendo oficinas e cursos de formação de contadores de histórias para o público em geral, seja criando sessões de narração oral, realizadas nos mais diversos espaços (escolas, feiras, comunidades). O trabalho é baseado na ideia de performance, um momento poético que recupera o ato de contar histórias, tão antigo quanto o homem, numa dimensão ritualística. A opção por histórias da tradição oral e popular justifica-se pela convicção de que com elas tem-se acesso à diversidade étnico-cultural e à forma encantatória da narrativa oral, que lembra a todos de sua capacidade de imaginar outros mundos. Essa é uma maneira de contribuir para a valorização e recriação do patrimônio cultural brasileiro. Nessa busca de problematizar as fronteiras existentes entre a cultura escrita, registro e fonte de saber legitimado, e a cultura oral, repositório primeiro das caminhadas e intervenções do homem sobre o mundo, o grupo propõe o trabalho "Contando Histórias (com) os Guarani", sobre as experiências vividas desde outubro de 2011 com os professores e alunos da etnia Mbyá-Guarani na aldeia Tekoá Anhetenguá, localizada na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Acreditamos estar diante de uma coletividade contemporânea, que enxerga o mundo de maneira poética através de experiências sensoriais inseridas na vida cotidiana. **DESENVOLVIMENTO:** O trabalho que realizamos no Grupo busca redescobrir de diversos modos as histórias populares/tradicionais, que permeiam o universo cultural das sociedades, seja pela pesquisa em livros e produções audiovisuais que registrem essas histórias, seja pela aproximação com pessoas pertencentes a

essas culturas. Essencialmente procuramos entrar em contato com os indivíduos portadores de cultura empírica, estando presentes em sua realidade, buscando suas histórias, mas, acima de tudo, compartilhando saberes e experiências com a convicção de que todos os modos de vida e expressão são válidos e legítimos em si mesmos. Sendo assim, a aproximação com a cultura indígena começou a tomar forma em meados de 2011, a partir de um convite do Museu da UFRGS para a participação do grupo nas atividades da exposição Oretataypy: presença Mbya-Guarani no Sul e Sudeste do Brasil. Durante o processo de criação do espetáculo com as histórias Guarani, procuramos nos aproximar de alguns elementos da cultura deste povo, tais como o canto, a dança e a língua. Para tal pesquisamos em diversas fontes (livros, CD's, DVDs) e participamos das atividades de formação integradas à referida mostra no Museu da UFRGS. Seguindo nosso método de criação, colocamos na voz histórias dos livros, permeadas dos elementos poéticos da performance: cantorias e gestos no início e fim da sessão, canto de composições Guarani entre cada história, jogo e improviso com a audiência durante as execuções. Apresentamos nossa criação primeiramente na Exposição e depois no Colégio de Aplicação da UFRGS; no mês seguinte, para alunos e professores da Tekoá Anhetengú numa atividade aberta promovida pela comunidade. Esse foi nosso primeiro contato com os Guarani. Nessa ocasião, os professores da escola solicitaram nossa ajuda no registro escrito de suas histórias. Acreditamos que esse pedido tenha sido motivado pelo fato de eles nos perceberem como representantes da Universidade, e, portanto, portadores da escrita - mas ainda assim pessoas sensíveis àquele tipo de narrativas e aos demais aspectos da sua cultura, possivelmente pela forma lúdica e sensorial como recriamos suas histórias tradicionais. Embora nos pareça que mantenham suas formas tradicionais de preservação da memória pela voz, revelaram necessitar registrar as histórias na letra pelo fato de algumas práticas tradicionais não serem realizadas diariamente: há pouca mata nativa para ensinar as crianças formas de cultivo do solo, pesca e caça; os animais estão desaparecendo ou ausentes e a cidade está cada vez mais perto da aldeia. A construção de um modo respeitoso de registrar as histórias, vivências ou algo que eles sintam a necessidade de transmitir para eles mesmos ou para os demais povos é um desafio de interconhecimento e reconhecimento tanto para eles quanto para nós. A nossa proposta para o 13º Salão de Extensão é produzir um pequeno documentário que reflita sobre a trajetória e as experiências narrativas compartilhadas com os Guarani da Tekoá Anhetengú. **CONCLUSÃO** O nosso contato com a cultura Guarani é muito recente. Ainda estamos construindo o ponto de intersecção que possa proporcionar uma "ecologia de saberes", como defende o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Nessa

ecologia todos os envolvidos compartilham seus conhecimentos de forma horizontal e, tanto quanto possível, sem hierarquias. Nesse processo, caminhos de cruzamento e tensão entre a voz e a letra são estabelecidos tendo em vista uma experiência de interculturalidade, algo que a própria Universidade vem propondo desde o ingresso de alunos indígenas com a política de Ações Afirmativas implementada a partir de 2008.